

Crônicas Esportivas Cariocas: os jornais *O Dia* e *Última Hora* na Década de 1950¹

André Alexandre Guimarães COUTO²

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Neste breve texto procuramos compreender as principais características discursivas de dois jornais populares na cidade do Rio de Janeiro na década de 1950: *O Dia* e *Última Hora* – em especial do ponto de vista de sua cobertura esportiva e do espaço dedicado às crônicas. O período selecionado abrange uma conjuntura propícia para consolidação das crônicas e, desta forma, tentamos entender se há um padrão deste gênero híbrido no jornalismo esportivo carioca.

PALAVRAS-CHAVE: crônicas esportivas; *O Dia*; *Última Hora*; Rio de Janeiro; Década de 1950.

Visões Preliminares

Este breve artigo tem o objetivo de mapearmos as principais características de dois dos mais populares jornais da cidade do Rio de Janeiro, durante a década de 1950. Criados com objetivos políticos como veremos adiante, estes novos periódicos cariocas valorizavam questões urbanas e cidadinas e, em alguns momentos, menos afeitas aos chamados grandes temas nacionais, muito menos o noticiário internacional.³

Todavia, para este momento, o que mais nos interessa é compreendermos o(s) espaço(s) dedicados à cobertura esportiva, em especial às crônicas, principalmente se compararmos com outros jornais como o *Jornal dos Sports*, por exemplo. Apesar das dificuldades metodológicas de compararmos jornais especializados com outros generalistas, o que nos importa é saber se é possível traçar pontos em comum no discurso deste gênero híbrido que é a crônica, mesmo em periódicos distintos.

Acreditamos, a partir de pesquisas anteriores (COUTO, 2016) que a década de 1950 consolidou o cronismo esportivo em cidades como o Rio de Janeiro, São Paulo e

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor e Pesquisador do CEFET/RJ; Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Integra o SPORT (Laboratório de História do Esporte e do Lazer da UFRJ) e o NEPESS (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade da UFF); e-mail: guimaraescouto@yahoo.com.br.

³ Principalmente *O Dia*, já que *Última Hora* tinha pretensões nacionais em sua cobertura jornalística.

outros grandes centros urbanos, irradiando modelos de produção discursiva para várias outras localidades, sem desconsiderarmos as características regionais e locais criadas no período.⁴ Mas, por que esta década seria tão importante para as crônicas esportivas? Podemos apontar a mudança de estilos e narrativas a partir da década anterior, com o surgimento de uma multiplicidade de autores (de origens diversas, seja do universo literário, seja do jornalismo policial e urbano ou, ainda, de setores mais específicos do esporte, como o turfe, por exemplo).

O rádio, enquanto veículo de comunicação, já dedicava grandes espaços em sua grade de programação para a cobertura esportiva (especialmente, o futebol), e muitos dos jornalistas/cronistas dos jornais impressos atuavam também por lá, numa relação muito mais de retroalimentação do que de concorrência. Desta forma, toda a emotividade e exploração dos sentidos e sentimentos promovidos pelos programas esportivos nas rádios poderiam influenciar, de alguma forma, os discursos subjetivos de autores responsáveis pelas crônicas, sejam esportivas ou não.

Outro ponto importante também para o período seria a ampliação de uma indústria cultural do entretenimento, e a imprensa se esforçava para trazer aos seus respectivos leitores não só mais notícias sobre cinema, teatro, música e lazer, como criar espaços nos jornais voltados para crônicas e colunas especializadas sobre tais temas. Não por acaso, surgiam mais espaços nas páginas dos jornais e notícias sobre o campo do entretenimento, lazer e cultura e, em muitas ocasiões, dividindo (mas não concorrendo) com as páginas esportivas.

Do ponto de vista tecnológico e comunicacional, a indústria gráfica, radiofônica e televisiva (esta ainda bastante jovem e incipiente) se aperfeiçoou com a importação de equipamentos eletroeletrônicos, tornando a produção material e de conteúdo mais ágil e dinâmica. Por outro lado, se a taxa de analfabetismo era muito alta para o período, as políticas públicas aos poucos conseguiam apresentar novas soluções para o grave problema social no país, com a criação de turmas do modelo supletivo em diversos municípios (OEI/MEC).⁵

⁴ Cabe a ressalva de que estudos mais específicos sobre as crônicas são necessários para compreendermos esta questão com mais precisão. Em especial, aqueles que analisem a produção do jornalismo esportivo e os periódicos com esta especialização fora do eixo Rio-São Paulo e, principalmente, nas cidades do interior do país.

⁵ Estudo realizado pela Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI). Ver em: BREVE EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO SISTEMA EDUCACIONAL. OEI/MEC. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/393341-2-breve-evolucao-historica-do-sistema-educacional.html>>. P. 24. Acesso em: 09/08/2021. Ainda de acordo com este documento, "(...) tal ensino incentivou a matrícula em cursos profissionais ou pré-profissionais de nível primário. As classes de supletivo e as de ensino complementar (pré-profissional e

Ainda percorrendo a trilha do avanço tecnológico do período, de acordo com Klöckner, “A globalização, nos anos 50, se reflete na industrialização como um todo. No jornal impresso, as linotipos, com velocidade tradicional de três linhas por minuto, saltam para 12, 30, 75, 120, 700 linhas por minuto” (KLÖCKNER, p.145). Desta forma, a produção jornalística tornava-se mais ágil, dinâmica e preocupada com os temas urbanos e cotidianos dos leitores, como as histórias esportivas, por exemplo.

Para Barbosa, nos anos 1950 viviam-se as noções de objetividade e neutralidade nas redações dos jornais, tentando um distanciamento do discurso literário e subjetivo e buscando uma autonomização do campo jornalístico (BARBOSA, 2007, p.150). Técnicas de redação impostas por manuais recém apresentados nas empresas jornalísticas buscavam uma nova forma de discurso dos textos e dos próprios periódicos, o que era considerado como um modelo de modernidade no fazer jornalístico (BARBOSA, 2007, p. 150).

Do ponto de vista da crônica, era exatamente o caminho oposto que a marcava como um sinal de modernidade no discurso. A forma híbrida, subjetiva e que transitava não apenas entre o jornalismo e a literatura mas, em muitos casos, entre a ficção e a realidade também, sem a necessidade de se submeter aos limites das novas técnicas de redação “objetivas e neutras” dos recém chegados manuais, eram características que se destacavam num universo de ampliação de empresas voltadas para este ofício.⁶

Desta forma, então, podemos agora compreender a produção da imprensa esportiva em dois dos principais jornais da cidade do Rio de Janeiro, como veremos a seguir, tentando, também, conhecer um pouco mais de cada um deles de forma mais global.

O Dia: Popular por opção

O jornal *O Dia* fora fundado em 5 de junho de 1951 a partir de uma iniciativa do jornalista Chagas Freitas, com o objetivo de fortalecer as bases políticas do então

profissional) em conjunto foram freqüentadas por mais de 400 mil alunos cada ano, por treze anos consecutivos. Assim, o supletivo composto por duas séries escolares, entre 1947 e 1959, alfabetizou cerca de 5,2 milhões de alunos (...). A taxa de analfabetos que, em 1950, era de 50%, atingiu 33,1% em 1970. Assim, as mudanças foram sensíveis: a população total quase atingiu a casa dos 100 milhões, a população urbana cresceu e o índice de alfabetização acompanhou a modificação do perfil populacional”. P. 24.

⁶ Para termos uma ideia mais ampla do mercado da imprensa, no caso os jornais diários da cidade do Rio de Janeiro, recorreremos aos trabalhos de Barbosa e Ribeiro para descobriremos os títulos e as suas respectivas circulações. Ao todo, tínhamos no início da década de 1950, 18 títulos (13 matutinos e 5 vespertinos) com uma tiragem total de 1.245.335 exemplares (BARBOSA, 2007, p. 154 e 155).

político paulista Ademar de Barros, do Partido Social Progressista (PSP).⁷ A afiliação de Chagas Feitas ao partido de Ademar de Barros era uma união em torno de uma estratégia política e partidária em torno de voos maiores no estado do Rio de Janeiro para ambos. Tal iniciativa renderia bons frutos para Chagas Freitas, tendo em vista que conseguiria se eleger como deputado federal em 1954, com uma quantidade significativa de votos, fazendo-o esquecer a derrota para esta mesma casa política em 1950.

Criado em um período de plena consolidação da indústria gráfica no Rio de Janeiro e de grande circulação de jornais pela cidade, *O Dia* nasceu a partir do parque gráfico do vespertino *A Notícia*, propriedade de Ademar de Barros. Este jornal era em 1951 o jornal com maior tiragem na cidade.⁸ Interessante perceber que ao longo da década de 1950, *O Dia* aumentou a sua capacidade de tiragem e circulação enquanto *A Notícia* entrara em uma curva descendente, principalmente a partir de 1954. O que muito favoreceu o sucesso editorial de *O Dia* foi a proposta de buscar nas notícias urbanas e policiais a sua principal motivação. Desta forma, o jornal procurava algumas estratégias de vendagem, como, por exemplo, a busca pelo choque gráfico ao estampar em suas páginas, principalmente a primeira, imagens, textos e manchetes que traziam o horror de uma tragédia ou o desespero das pessoas envolvidas em algum crime violento. Como exemplos desta linha do jornal, apresentamos em uma mesma capa (a edição do dia 08/06/1951) as seguintes manchetes (subdivididas em *leads*)⁹:

INCENDIOU-SE O AVIÃO
Um corpo carbonizado e dez feridos
Quinze passageiros vinham de Campos e um de Vitória
Três tripulantes considerados desaparecidos teriam sido medicados
numa casa de saúde de Duque de Caxias.¹⁰

⁷ Antônio de Pádua Chagas Freitas (1914-1991) tornaria-se posteriormente governador da Guanabara (1971-1975) e do Rio de Janeiro (1979-1983). Adhemar Pereira de Barros (1901-1969) foi um dos mais importantes políticos, entre as décadas de 1930 e 1960. Foi aliado do presidente Getúlio Vargas, sendo inclusive indicado como interventor federal (1938-1941) no estado de São Paulo. Pela via democrática liberal, foi eleito prefeito de São Paulo (1957-1961) e governador do estado de São Paulo por duas vezes (1947-1951) e (1963-1966). Por duas vezes, em 1955 e 1960, concorreu à Presidência da República, alcançando o terceiro lugar em ambas as eleições.

⁸ A tiragem era de 120 mil exemplares (RIBEIRO, 2000). Cabe ainda informar a presença dos jornalistas Othon Paulino (Diretor), Thassilo Sampaio Mitke (Diretor-Gerente) e Santa Cruz Lima (Gerência da Redação).

⁹ Os *leads* são os pequenos resumos, localizados entre as manchetes e o corpo do texto. Um estudo interessante que nos ajuda a compreender um pouco destas estratégias e formas de construção de manchetes e *leads* pode ser visto em: CUNHA, Diogo da Silva. *Manchetes, títulos e suas formas de expressão: uma pesquisa histórica pelos uivos impressos, idiotas da objetividade e outros modos de ver*. Rio de Janeiro, UFRJ/ECO, 2010. Monografia de Graduação em Comunicação Social (Jornalismo). Disponível em: <<https://literaturaexpandida.files.wordpress.com/2011/09/juntos.pdf>>. Acesso em: 09/08/2021.

¹⁰ INCENDIOU-SE o avião. In: *O Dia*. Rio de Janeiro, 8 de junho de 1951. P. 1.

No exemplo acima, a principal manchete e seus respectivos leads informavam aos seus leitores acerca de um desastre aéreo na Baixada Fluminense e que estimularia a curiosidade dos mesmos ao envolver fatores como causas, identidades e locais de origem dos feridos e do morto em questão. Neste mesmo quadro de horror, logo abaixo, figurava um outro panorama mortal:

FOGUEIRA HUMANA!

53 mortos e 43 feridos no sinistro de Nova Iguaçu

Enquanto uns atribuem a culpa ao guarda-cancela, a direção da central afirma que foi o carro-tanque o causador do desastre.¹¹

Nesta notícia, se explorava um grave acidente envolvendo um trem de passageiros e um caminhão tanque de combustível (gasolina), justamente em um local de entroncamento rodoferroviário na cidade de Nova Iguaçu. Neste último caso, o jornal poderia apresentar de forma extrema e exagerada as notícias acerca dos desastres e crimes – como era sua linha editorial, mas também debater as dificuldades que os moradores das cidades da região metropolitana do Rio de Janeiro sofriam, principalmente por conta das mazelas do poder público. Portanto, exagero, sensacionalismo e defesa do cidadão carioca e fluminense eram os motes do jornal para ganhar popularidade em seus anos iniciais de vida.¹²

Sobre os esportes, logo nos primórdios de sua criação, apesar de o cronismo esportivo ter se consolidado na década anterior, os anos 1940, o jornal optou por não criar colunas específicas que pudessem debater ou discutir do ponto de vista da narrativa híbrida da crônica. Isto ocorreria a partir apenas de meados dos anos 1950. Todavia, nos chama a atenção que esta opção inicial se refere aos esportes, porque ao longo de suas páginas, desde as primeiras edições, o jornal apresentava uma série de colunas com este objetivo como, por exemplo, se referindo a uma indústria do entretenimento e dos espetáculos. A conjuntura de ampliação dos empreendimentos culturais das grandes cidades brasileiras e, portanto, no Rio de Janeiro, influenciava a formação de espaços na imprensa que pudessem dar conta destes debates. A escolha por estas narrativas era, em sua grande maioria, por meio destas colunas temáticas na área cultural, como a “Cinema”, assinada por Adolfo Cruz (e depois, por Kino); “Rádio”, por

¹¹ FOGUEIRA HUMANA! In: *O Dia*. Rio de Janeiro, 8 de junho de 1951. P. 1.

¹² Uma importante leitura que nos proporciona acompanhar a trajetória do jornal *pari passu* à conjuntura política fluminense do período é: MOTTA, Marly; FREIRE, Américo e SARMENTO, Carlos Eduardo. *A Política Carioca em Quatro Tempos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. Especialmente, o capítulo: “Da Redação às urnas”. De lá, citamos uma passagem bem interessante: “Nesse espetáculo de mazelas e misérias, o tom era redundante e o tema era repetitivo: o sofrimento de trabalhadores honestos e desamparados, completamente abandonados pelas autoridades públicas”. P. 122.

Dic e “Teatro”, por Maria Santacruz.¹³ Posteriormente, outras colunas seriam criadas ao longo da década de 1950 como, por exemplo, “Coluna do disco”, por Aldem Vieira; “Cultura e Vida Popular (Registro Semanal de literatura, ciência, arte e educação)” de Dante Costa; “A Nutrição através dos tempos” de Hélio de Paula Fonseca e “O Averso da Vida (Aconteceu no Rio...)”, por F. Nunes. Esta última, inclusive, durou décadas nas páginas de *O Dia* e apresentava crônicas cotidianas e urbanas do cidadão carioca.¹⁴

Na cobertura esportiva, o turfe era amplamente divulgado assim como as notícias sobre o futebol, principalmente informações dos jogos, torneios e excursões dos clubes, inclusive de equipes que não eram do Rio de Janeiro, em especial de São Paulo. Obviamente que a relação estreita do ponto de vista pessoal e político entre Chagas Freitas e Ademar de Barros deixava a rivalidade no futebol entre cariocas e paulistas em segundo plano.¹⁵ Cabe destacar também que as primeiras edições do jornal tinham apenas 8 páginas, sendo duas delas dedicadas aos esportes, uma em especial ao turfe e outra ao futebol, tendo nesta última, por vezes, notícias sobre os demais esportes, como o basquetebol, por exemplo.

Das crônicas esportivas mais importantes que surgem no jornal em meados da década de 1950, podemos destacar duas dedicadas ao turfe chamadas “Rondó dos Cavalões”, assinada por Inah de Moraes e “Bucéfalo”, por Faixa, além de outra voltada aos esportes gerais, porém, dedicada ao futebol chamada de “Pênalti!”, de Joel Lopes.¹⁶ Esta última mudaria de nome mas não de proposta narrativa a partir de 1957: passaria a se chamar: “Preto no Branco”. De acordo com as orientações da linha editorial do jornal, as crônicas esportivas tinham como principal objetivo a relação entre o denunciamento e a valorização das associações vinculadas à imprensa. Ou seja, *O Dia*, como nós já vimos, apresentava-se como um veículo que se colocava em defesa do cidadão e leitor. Nas crônicas esportivas, esta característica se torna bem evidente como poderemos analisar no exemplo logo abaixo:

¹³ Adolfo Cruz (1922-2010) era jornalista e tornaria-se um dos principais críticos de cinema no Brasil, tendo trabalhado na TV e Rádio Tupi. Escreveu ainda dois livros sobre o cinema: “O Repórter de Cinema e Vivência da Fé (2004)” e “Ídolos da Tela (1959)”.

¹⁴ Cabe lembrar outras como colunas para mulheres, notícias sindicais, sobre o espiritismo e “O Dia na Educação”.

¹⁵ Um bom exemplo disso é o destaque dado à conquista do Palmeiras no torneio internacional conhecido como Copa Rio.

¹⁶ Inah de Moraes era considerada uma socialite, proprietária de haras em Itaipava (Petrópolis) e casada com Prudente de Moraes Neto que, por sua vez, era neto do ex-Presidente da República Prudente de Moraes (1842-1902). Seu marido era jornalista e poeta e dirigiu alguns jornais como o *Diário Carioca* e a sucursal de *O Estado de São Paulo* no Rio de Janeiro. Era amiga pessoal de Manuel Bandeira, de onde podemos perceber de onde viera a origem do nome da coluna de Inah, “Rondó dos Cavalões”, clara homenagem ao poema deste literato chamado “Rondó dos Cavalinhos”. No mesmo período, também tinha uma coluna homônima no *Jornal dos Sports*. (COUTO, 2016, p.184).

Procurados sem Procuração

Há certos elementos no meio turfístico, que se aproveitando da capa de cronista de turfe, vêm comprometendo seriamente o bom nome e o conceito de nossa classe. Se ao menos eles fossem de fato cronistas, está certo, pois então caberia a Associação de Cronistas de Turfe do Rio de Janeiro tomar uma providência no sentido de coibir os abusos. Entretanto, o pior é que nem cronistas eles são, mas se acobertam com o nome de cronistas e comprometem a crônica especializada. (...)¹⁷

Neste trecho da crônica assinada por Faixa, o cronista reclama de que pessoas de influência política e social do Jockey Club estariam recebendo prêmios e condecorações por parte da Associação dos Proprietários de Cavalos de Corrida em nome da imprensa esportiva. Porém, os mesmos não teriam o direito para tanto, pelo fato de não pertencerem a esta categoria profissional. Aqui cabem duas explicações: a primeira é de defesa de um campo de atuação, o de repórter, jornalista ou cronista especializado. Apesar da formação de profissionais da imprensa ainda se encontrar em seu processo inicial, a atuação empírica tornava estas pessoas aptas a serem reconhecidas como legítimas à categoria. A defesa de um pertencimento profissional fortalecia as relações da imprensa com as organizações e proprietários dos espaços esportivos, sejam públicos ou privados. A segunda consideração leva em conta de que a palavra “cronismo” dizia respeito não apenas ao que estamos estudando neste trabalho, ou seja, uma narrativa híbrida entre a literatura e o jornalismo, mas por uma visão mais ampla e largada do termo. Ou seja, os redatores dos jornais, mesmo quando não assinavam seus textos, também eram considerados como cronistas.

Todavia, enfatizamos que mesmo que não ocorresse esta diferenciação em determinados discursos como este, na prática havia sim um tratamento especial dado aos cronistas (também chamados de colunistas), principalmente em relação aos espaços dedicados nas páginas, assim como a garantia de periodicidade no interior do jornal.

Outro texto que transitava nesta mesma linha de produção das crônicas de *O Dia*, e que se inseria em uma orientação editorial e maior do próprio jornal pode ser visto na coluna “Pênalti!”, assinada por Joel Lopes:

A Tribuna da Imprensa do Maracanã, tal como assinalaram alguns confrades, acabou de virar “circo de cavalinhos”. Tem de tudo, no recinto, menos cronistas.

(...) Estivemos, como muitos outros cronistas da cidade, presentes a uma reunião efetuada pelo DIE e ACD, juntamente com a ADEM, na

¹⁷ FAIXA. Procurados sem Procuração. In: *O Dia*. Rio de Janeiro, 5 de maio de 1955. P. 7. Coluna Bucéfalo. Não conseguimos identificar o nome completo do cronista, assim como não podemos deduzir se se trata de um pseudônimo (o que era comum no jornalismo esportivo).

ABI, quando o assunto foi tratado em princípio. E ouvimos dizer que outra reunião seria oportunamente marcada, para finalização do caso, o que não aconteceu (...). A tribuna da imprensa no Maracanã, tal como foi dada a conhecer por Arno Frank, será entregue aos cronistas. E os cronistas farão sua fiscalização, a fim de impedir a permanência, ali, de “cronistas”...¹⁸

Aqui, como em outras ocasiões, a categoria profissional em torno do jornalismo esportivo se colocava na pretensão de intervenção e ocupação dos espaços do campo dos esportes na cidade do Rio de Janeiro. O próprio (e primeiro) superintendente do Estádio Maracanã, Arno Frank, teve que intervir na negociação com os jornalistas, prometendo inclusive que estes o auxiliassem na fiscalização dos “bons usos” dos espaços destinados a eles. O uso das aspas no final do texto demonstra uma ironia (fina) acerca de outros indivíduos que não respeitavam estes mesmos espaços.

Desta forma, o cronismo esportivo em *O Dia* coadunava com a ideia de participação efetiva da imprensa nas decisões organizacionais do campo esportivo, principalmente nos espaços físicos que ela devia ocupar com o papel de “vigilante” das causas públicas, “defensor” da classe trabalhadora e urbana e “revelador” das tragédias coletivas e fluminenses. Não acreditamos que a capacidade criativa e imaginativa destas crônicas ficassem a parte destas metas mais “realistas” do jornal, por conta da sua linha editorial mais política. A própria conquista das colunas a partir dos anos subsequentes à sua criação propõe a seguinte consideração: a de que as crônicas eram espaços privilegiados nos jornais e que, nos esportes, era possível ter uma narrativa híbrida com as intenções específicas de cada periódico.

Última Hora: Populista de raiz

O jornal *Última Hora*, considerado um dos vespertinos mais populares do período pode ser considerado com uma das maiores alianças entre a política e a imprensa ao longo da história brasileira. A aproximação se deu devido aos interesses de Samuel Wainer, então repórter dos *Diários Associados* em conseguir cobrir o panorama político e partidário em torno da possibilidade de retorno ao poder, pela via da democracia liberal, de Getúlio Vargas, que se encontrava em São Borja (RS).¹⁹ A

¹⁸ LOPES, Joel. Coluna “Pênalti!”. In: *O Dia*. Rio de Janeiro, 10 de maio de 1955. P. 8.

¹⁹ Samuel Wainer (1910-1980), nascido na Bessarábia (território hoje dividido entre a Moldávia e a Ucrânia) veio para o Brasil aos 2 anos de idade e dentro dos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand assumiu as funções de secretário de redação, redator, colunista, editor, mas considerava-se mesmo com um repórter. Ver: WAINER, Samuel. In: *Jornalistas contam a História. Depoimento a Wianey Pinheiro. Folha de S. Paulo. Apud BARBOSA, Marialva. Op. Cit. P. 170.*

exclusividade dada por Vargas a Wainer tornaria este um jornalista de destaque em relação aos seus colegas profissionais, tornando este último uma espécie de “conselheiro” ou mesmo “emissário”.²⁰

Devido a sua formação de esquerda, mas distante do comunismo brasileiro, Wainer planejou, então, a criação de um jornal próprio, onde pudesse apresentar suas considerações sobre a política nacional e a cobertura dos fatos ocorridos na cidade do Rio de Janeiro.²¹ Desta forma, em 12 de junho de 1951, nascia o periódico considerado o “porta-voz do governo Vargas”, tendo em vista a vitória deste nas últimas eleições presidenciais. Com o apoio do presidente, Wainer conseguira um empréstimo de 26 milhões de cruzeiros junto ao Banco do Brasil que absorveria também a dívida da empresa com a Caixa Econômica Federal.²² A experiência como oposição ao Estado Novo ficara para trás e a aproximação com Vargas e o próprio Estado brasileiro, assim como a ideia de um jornalista cuja família não era tradicional, nem na imprensa, muito menos na sociedade carioca poder criar o seu próprio empreendimento de comunicação levava *Última Hora* a um patamar de jornal “mítico”. Ou seja, as memórias acerca deste jornal daí por diante o tornaria um periódico revolucionário e inovador, muito mais pela popularidade da linha editorial e de aproximação com o Estado do que propriamente pelas técnicas gráficas empreendidas no mesmo. De acordo com Barbosa, “A renovação que implementa não é produto apenas do gênio criador de um só homem, no caso

²⁰ BARBOSA, Marialva. *Op. Cit.* P. 169.

²¹ Wainer tinha fundado com Azevedo Amaral a revista *Diretrizes*, em 1938, em plena vigência do Estado Novo (1937-1945). Com periodicidade mensal, tornou-se um semanário em 1940, quando atingiu a tiragem de 20.000 exemplares. Apesar de ser um periódico de oposição, só foi impedida de circular pelo DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda, órgão sensor do governo Vargas) em 1944, devido a uma matéria sobre Miguel Costa, um dos líderes da Coluna Prestes. Dentre os seus colaboradores, podemos destacar: Rubem Braga, Carlos Lacerda, Álvaro Moreyra, Osório Borba, Genolino Amado, Arthur Ramos, Jorge Amado, Augusto Rodrigues, Raymundo Magalhães Júnior, Rachel de Queiroz, Francisco de Assis Barbosa, José Lins do Rego, Aníbal Machado, Graciliano Ramos, Marques Rebelo, Astrojildo Pereira, Maurício Goulart, Hermes Lima, Edson Carneiro, Nássara e Dalcídio Jurandir. Para mais informações, ver: FERRARI, Danilo Wenseslau. *Diretrizes – A Primeira Aventura de Samuel Wainer. In: Revista Histórica*. Arquivo Público do Estado de São Paulo. São Paulo, Nº 31, junho de 2008. Sobre o panorama mais geral e outras revistas culturais do período, ver: LUCA, Tania Regina de. *Revista do Brasil (1938-1943), um projeto alternativo? In: DUTRA, Eliana de Freitas e MOLLIER, Jean-Yves. Política, Nação e Edição: o lugar dos impressos na construção da vida política*. São Paulo: Annablume/Olhares, 2006. P. 315-334.

²² De acordo com Barbosa, a partir de análise de depoimentos do próprio Wainer, este conseguiria também fundar a Gráfica Érica com recursos provenientes do banqueiro Walter Moreira Salles, de Ricardo Jafet, presidente do Banco do Brasil e de Euvaldo Lodi, empresário e presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI). Para viabilizar a Editora Última Hora, conseguiu recursos do Banco Hipotecário de Crédito Rural, com apoio declarado do então governador de Minas Gerais e futuro presidente da República, Juscelino Kubitschek. BARBOSA, Marialva. *Op. Cit.* P. 170. De acordo com Ana Maria de Abreu Laurenza, Wainer também teve apoio financeiro do conde e empresário Francisco Matarazzo Jr., principalmente na fundação da versão paulista de *Última Hora*, em 18 de março de 1952. Ver: LAURENZA, Ana Maria de Abreu. Batalhas em letra de forma: Chatô, Wainer e Lacerda. *In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de (Orgs.). História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. P. 179-205.

Samuel Wainer, mas de um processo de acumulação de experiências no jornalismo carioca.”²³

Apesar de ter criado uma identidade como um popular diário carioca, *Última Hora* fora lançado em sete capitais brasileiras, como São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre e Recife, revelando que o projeto de se tornar caixa de ressonância das ideias de Vargas e do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) era de caráter nacional e não se restringia ao Rio de Janeiro. De forma geral, era uma plataforma política e ideológica da vertente trabalhismo/populismo que se identificava com o segundo governo Vargas na década de 1950. Posteriormente, sofreria uma campanha cáustica e virulenta por parte da oposição do governo, como a UDN e também por parte significativa da chamada grande imprensa. Ou seja, o apoio financeiro e político teria um preço a se pagar por parte do próprio meio das comunicações.²⁴

De forma geral, o jornal apresentava notícias em torno da vida cotidiana e urbana do carioca, com o intuito de defender os direitos do cidadão, mas também dedicava longos espaços para a política e questões nacionais, em prol obviamente da aproximação com a ideologia getulista e petebista. Inclusive, vários integrantes do PTB assinavam textos de divulgação e opinião políticas nas páginas do jornal. Todavia, a coluna mais prestigiada era a do próprio Wainer que, não por acaso, era publicada na primeira página. Como já pudemos perceber, e de acordo com Ribeiro “(...) nos anos 1950 ainda havia jornais com posições editoriais as mais diversas. O matiz político e ideológico era um fator importante na construção da identidade dos diários e na segmentação do público leitor.”²⁵ Ressaltando o viés político do jornal, existia uma coluna totalmente dedicada ao presidente Vargas, chamada de “O Dia do Presidente”, que apresentava uma mistura entre a agenda do estadista com as principais realizações de seu governo.

Assim como em *O Dia*, a ideia de tentação sensacionalista abraçou a linha editorial de *Última Hora*, porém neste último o tratamento com as emoções e agruras da população era minimizada pelas intenções políticas desta aliança. De acordo com Carla Siqueira, “(...) a denúncia das mazelas vividas pelos trabalhadores foi, no entanto,

²³ BARBOSA, Marialva. *Op. Cit.* P. 173.

²⁴ Para tanto, ver SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. Especialmente, P. 397-408. E também: LAURENZA, Ana Maria de Abreu. *Op. Cit.*

²⁵ RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Modernização e Concentração: a imprensa carioca nos anos 1950-1970*. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco e FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (Orgs.). *História e Imprensa: Representações Culturais e Práticas de Poder*. Rio de Janeiro: DP&A/FAPERJ, 2006. P. 430.

sempre atenuada pela afirmação do empenho do presidente Vargas e do próprio jornal na solução dos problemas.”²⁶ Colunas populares como “Fala o Povo na Última Hora”, “Na Ronda das Ruas” e outras procuravam criar espaços para discussão dos problemas urbanos sem no entanto criar algum tipo de campanha severa contra as autoridades públicas. Na área cultural, as colunas de teatro, música e cinema eram assinadas por nomes como Vinicius de Moraes e Marques Rebelo, por exemplo.²⁷ Era comum também a publicação de um “suplemento romântico”, que eram quadrinhos que traziam histórias românticas baseadas na literatura e no cinema que mostravam um lado frágil, virtuoso e apaixonado das mulheres.

A cobertura esportiva, apresentada geralmente entre as páginas 8 e 10 (sendo esta última dedicada ao turfe) e chamada de “*Última Hora* nos Esportes” privilegiava o futebol quase por completo. Era muito raro uma notícia que trazia um fato relacionado a outra modalidade esportiva, mesmo o basquetebol que já chamava a atenção de parte da sociedade carioca. O futebol por ser muito popular nesta década era muito debatido pelo jornal em suas páginas esportivas. Uma breve análise de capas deste jornal nas edições das segundas-feiras permite-nos abstrair a seguinte conclusão: o futebol era um dos elementos mais importantes para as manchetes, principalmente por dar conta dos resultados do final de semana anterior.

Outro importante fator desta cobertura jornalística esportiva era a quantidade de fotografias, criando um espectro visual ampliado dos detalhes do jogo e dos jogadores, antes, durante e depois das partidas. Texto e imagem eram elementos de lidar com o esporte sem, no entanto, trazer características lúdicas para esta linha editorial. Ou seja, apesar de manter colunistas na área política, urbana e cultural e ainda trazer para dentro de suas páginas escritores reconhecidos pela ABL e pelo grande público – é o caso, por exemplo de Nelson Rodrigues, não havia um espaço específico para o cronismo esportivo, seja por opção do próprio Samuel Wainer seja por não conseguir um autor

²⁶ SIQUEIRA, Carla. Sensacionalismo e Retórica Política em *Última Hora, O Dia e Luta Democrática* no Segundo Governo Vargas (1951-1954). In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco e FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (Orgs.). *História e Imprensa: Representações Culturais e Práticas de Poder*. Rio de Janeiro: DP&A/FAPERJ, 2006. P. 418.

²⁷ Marques Rebelo (1907-1973) era pseudônimo literário de Eddy Dias da Cruz e representante da Academia Brasileira de Letras e autor de uma série de romances, novelas e trabalhos para o teatro. Ver em: TRIGO, Luciano. *Marques Rebelo: mosaico de um escritor*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

que pudesse significar um aumento nas vendas do jornal, por conta do processo de fidelização envolvida na relação entre autor e leitor.²⁸

A exceção a esta regra supracitada seria a conformação de crônicas voltadas para a cobertura do turfe, como é o caso de “O Turfe Tem Dessas Coisas” e “Na Reta Final” por Wilson do Nascimento.²⁹ Para o futebol, nenhuma coluna se destacava, apesar de várias matérias serem assinadas pelos jornalistas esportivos. Nomes como Giampaoli Pereira, Carlos Renato, Luiz Reato, Geraldo Escobar e Albert Laurence comentavam as partidas e as atuações dos jogadores, rodada após rodada. Este último inclusive poderia adotar uma redação mais autônoma e menos objetiva, pois a partir de 1953 fora criada uma coluna chamada “A Atuação dos jogadores”, mas como o próprio nome já anunciava, era apenas para apontar as características principais de cada time, após uma jornada futebolística. Como exemplo desta narrativa, temos:

O Fluminense

O Fluminense ressurgiu como nos melhores dias. Bem armado e executando perfeitamente seu famoso sistema de jogo, com marcação “por zona” e contra-ataques repentinos em profundidade, o tudo pouco vistoso talvez, mas eficiente.

A defesa foi excelente. Castilho conseguiu umas defesas realmente brilhantes e excepcionais. (Nota 9). Pinheiro tornou a apresentar-se na sua melhor condição física e técnica. Numa só ocasião, complicou inútilmente uma jogada simples, mas na maioria dos casos interveio com decisão, habilidade e sucesso, marcando eficientemente o muito ativo Índio e aliviando tôda a retaguarda com suas longas rebatidas habitualmente bem dirigidas. (Nota 9). (...)

O Flamengo

(...) Dequinha pareceu um pouco desorientado com a ausência de Rubens. Teve uma boa atuação sem chegar a brilhar como em certas ocasiões recentes. (Nota 8).

Entre os atacantes, o mais em evidência foi Joel, exibindo uma “gana” e um ímpeto magníficos, mas talvez chegam a prejudicar sua classe

²⁸ A coluna publicada no jornal era conhecida por “A vida como ela é...” e trazia as crônicas que seriam famosas na carreira deste autor, discorrendo sobre sexo, desejo, relações insidiosas, crimes e principalmente o universo urbano destas emoções e sentimentos. Neste momento, o jornal informava que tais crônicas eram exclusivas para *Última Hora*.

²⁹ Wilson do Nascimento, também conhecido por seus colegas de redação como “Mosquito Elétrico” devido à sua capacidade de estar em constante movimento. De acordo com as memórias do jornalista Paulo Gama, “Durante o seu período na redação do jornal, ele fez o concurso de palpites entre os jôqueis e treinadores. Promoveu o troféu “O Homem do Turfe”, que todo ano homenageava o melhor dirigente do esporte da temporada, geralmente um criador ou proprietário. Envolvia a diretoria do Jockey Club no evento e fazia a festa de entrega do prêmio no picadeiro de escola de aprendizes. Era organizado um churrasco gigante com participação de profissionais e dirigentes. Todo ano também promovia o concurso “A Rainha do Turfe”, em que modelos desfilavam numa passarela. Uma delas era eleita a rainha e recebia a coroa da vencedora no ano anterior. Estas promoções eram acompanhadas com interesse pelos turfistas e popularizavam o esporte. Wilson foi responsável também pela edição de um tabloide semanal de oito páginas exclusivamente com entrevistas e matérias sobre turfe. O tablóide era distribuído, às sextas-feiras, junto com o jornal *Última Hora*, nas bancas de jornal.” Informação retirada de: GAMA, Paulo. Que saudade dos tempos do Mosquito Elétrico. Disponível em: <http://raialeve.com.br/conteudo/index.php?cod_cont=59687&&cod_secao=3&&mes=03&&ano=2015>. Acesso em: 25/06/2015.

em certos lances em que seria preferível que ele entrasse com menos nervosismo. (Nota 8). Evaristo tentou tornar-se útil, mas é muito melhor agora, na nossa opinião, como ponta de lança do que como meia armador. E teve uma atuação afinal apenas regular. (Nota 6). (...) ³⁰

O trecho acima nos possibilita a reflexão sobre um modelo de narrativa da crônica esportiva no *Última Hora*: a ideia de objetividade e modernidade trazida por este jornal não permitia espaços na seção esportiva para a criação de textos mais subjetivos e comprometidos com o hibridismo entre a ficção e o jornalismo. O interessante é perceber que o cronismo em outras seções, como a área cultural e mesmo a política tinha mais autonomia em relação à linha editorial, mas ainda assim seguia um padrão de objetividade que, pretensamente, se destacava na grande imprensa carioca.

Considerações Possíveis

Momento rico e próspero para a imprensa na cidade do Rio de Janeiro a década de 1950 apresentou modelos discursivos do cronismo especializado e esportivo nos jornais *O Dia* e *Última Hora*. Enquanto o primeiro trazia uma narrativa voltada para o sensacionalismo e a prática do denunciamento, que podia ser vista também nas matérias sobre os fatos urbanos e do cotidiano da cidade; o segundo adotava uma estratégia mais moderada e pouco subjetiva, inclusive na cobertura do futebol, esporte com muita cobertura jornalística no período estudado. O “destaque moderno” na cobertura do esporte por *Última Hora* era enfatizado pela publicação de imagens esportivas e menos por colunas e crônicas que adotassem discursos criativos, imaginativos e subjetivos.

Por outro lado, o turfe possuía colunas e cobertura destacada em ambos, além de espaços extras dedicados a este esporte como observamos em *Última Hora*. Por fim, e não menos importante cabe concluir que o universo esportivo estava intimamente vinculado com a cobertura cultural, do entretenimento e do lazer da cidade do Rio de Janeiro, tendo em vista a proximidade destas com o espaço dedicado aos esportes.

Para continuar a compreender o universo das crônicas esportivas, faz-se necessário aprofundar as origens destes cronistas/autores, suas relações sociais e de trabalho, capacidade de circulação nos vários periódicos e veículos de comunicação no período estudado. Desta forma, poderemos perceber as especificidades de cada

³⁰ LAURENCE, Albert. A atuação dos Jogadores. In: *Última Hora*. Rio de Janeiro, Nº 668, 17 de agosto de 1953. P. 3. Este cronista também atuava no *Jornal dos Sports*.

periódico, seus cronistas e linha editorial, assim como delimitar padrões discursivos da cobertura esportiva, em especial das crônicas.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil – 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BREVE Evolução Histórica do Sistema Educacional. OEI/MEC. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/393341-2-breve-evolucao-historica-do-sistema-educacional.html>>. Acesso em: 09/08/2021.

COUTO, André Alexandre Guimarães. **Cronistas Esportivos em Campo: Letras, Imprensa e Cultura no Jornal dos Sports (1950-1958)**. Curitiba: UFRJ, 2016. Tese de Doutorado em História.

CUNHA, Diogo da Silva. **Manchetes, títulos e suas formas de expressão: uma pesquisa histórica pelos uivos impressos, idiotas da objetividade e outros modos de ver**. Rio de Janeiro, UFRJ/ECO, 2010. Monografia de Graduação em Comunicação Social (Jornalismo). Disponível em: <<https://literaturaexpandida.files.wordpress.com/2011/09/juntos.pdf>>. Acesso em: 23/06/2015.

FERRARI, Danilo Wenseslau. Diretrizes – A Primeira Aventura de Samuel Wainer. *In: Revista Histórica*. Arquivo Público do Estado de São Paulo. São Paulo, Nº 31, junho de 2008.

GAMA, Paulo. **Que saudade dos tempos do Mosquito Elétrico**. Disponível em: <http://raialeve.com.br/conteudo/index.php?cod_cont=59687&&cod_secao=3&&mes=03&&ano=2015>. Acesso em: 09/08/2021.

KLÖCKNER, Luciano. **O Repórter Esso: A Síntese Radiofônica Mundial que Fez História**. Porto Alegre: AGE/EDIPUC, 2008.

LAURENZA, Ana Maria de Abreu. Batalhas em letra de forma: Chatô, Wainer e Lacerda. *In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de (Orgs.). História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

LUCA, Tania Regina de. *Revista do Brasil (1938-1943), um projeto alternativo?* *In: DUTRA, Eliana de Freitas e MOLLIER, Jean-Yves. Política, Nação e Edição: o lugar dos impressos na construção da vida política*. São Paulo: Annablume/Olhares, 2006.

MOTTA, Marly; FREIRE, Américo e SARMENTO, Carlos Eduardo. **A Política Carioca em Quatro Tempos**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 50**. Tese de Doutorado em Comunicação, UFRJ/ECO, 2000.

_____. Modernização e Concentração: a imprensa carioca nos anos 1950-1970. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco e FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (Orgs.). **História e Imprensa: Representações Culturais e Práticas de Poder**. Rio de Janeiro: DP&A/FAPERJ, 2006.

SIQUEIRA, Carla. Sensacionalismo e Retórica Política em *Última Hora, O Dia e Luta Democrática* no Segundo Governo Vargas (1951-1954). In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco e FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (Orgs.). **História e Imprensa: Representações Culturais e Práticas de Poder**. Rio de Janeiro: DP&A/FAPERJ, 2006.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TRIGO, Luciano. **Marques Rebelo: mosaico de um escritor**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.